

2007 - Para maus exemplos já bastam os europeus

Para maus exemplos já bastam os europeus

por: Eugénio Costa Almeida©

Os Chefes de Estado e de Governos da União Africana (UA) estão reunidos na IX Cimeira da UA, em Accra, a preparar o quinto aniversário da Organização, tendo com o ponto único a possível constituição dos Estados Unidos de África (EUAf), a menina dos olhos do líder líbio Muammar Kadhafi, e de um Governo único. O lema é “O Grande Debate sobre um Governo de União” e a cidade escolhida não é inocente. Em 1965, onde ocorreu a última reunião Afrocontinental no Gana, era presidente deste país Kwame Nkrumah, um acérrimo defensor do federalismo para o Continente. Ou seja, imita-se – mal – a União Europeia. Mal, e por duas claras razões. Porque, nem sempre o que é bom para o meu vizinho tem de ser, necessariamente bom para mim e, como prova disso, a primeira tentativa de criar uns Estados Unidos da Europa redundou em profundo fracasso, devido a dois vetos em outros tantos referendos nos seus outros tantos Estados-membros, como existe uma Comissão que tem o formato de Governo mas não o é, embora gostasse de o ser… Por outro lado existem várias “áfricas” no Continente, quer no ponto de vista político-estratégico, como as “duas áfricas” no prisma social – uma destas é a África das cidades, a quase erudita, e a outra, a campesinata, aquela em que o clã se sobrepõe, ainda, ao poder central – o régulo, o soba, o chefe é a entidade primeira. Alguém acredita que Kadhafi não quereria ser o primeiro presidente do novo Governo Afrocontinental e que seria o Estado líbio a determinar as directrizes do novo “agrupamento”? Não acreditar nisto é ser ingénuo ou querer tapar o sol com uma peneira. E depois há o facto de nem todos os Estados africanos seguirem a mesma diapasão. Relembremos que, nos anos 60 do século passado houve uma República Árabe Unida (RAU) – realmente houve duas, mas uma com mais interesse para África – e que pouco tempo durou; unia o Egipto ao Sudão, embora com o “olho” da Líbia. E como reagirá a África do Sul, ou a Nigéria, ou Angola, serem governadas por personalidades externas, por certo sem qualquer afinidade com estes países. Ou estes países terem de contribuir com um grande “baú” para as depauperadas economias da enormíssima maioria dos Estados da União Africana. É evidente que desejar uns Estados Unidos de África é brincar com as diferentes identidade dos povos africanos. Nem todos são bantu; há muitos povos árabes ou arabizados e esses são, por natureza, um pouco segregacionistas. Nem todos são cristãos ou animistas. E as relações Islão com cristãos ou animistas nem sempre são pautadas pela plena tolerância. A Europa tem uma raiz histórica, política e social que vai quase do Atlântico aos Urais, e, ainda assim, constata-se que nem sempre – quase nunca – consegue falar a uma voz. Como quer África criar os EUAf? O actual presidente da Comissão Africana, o maliano Alpha Oumar Konaré, alertou os governantes africanos que a UA ainda “não ter até agora honrado os seus compromissos”. Quais? O da completa integração política e económica? Enquanto houver poucos a ter milhões e muitos milhões a terem nada, nunca haverá integração quanto mais completa. Já o presidente em exercício, John Kufuor, do Gana, prevendo o fracasso real da Cimeira, propôs que os líderes presentes devessem encarar o debate “com uma atitude positiva, vontade política, tolerância, análise crítica e a confiança para ultrapassar os obstáculos”. Parece que está mesmo a prever que vai haver um EUAf (leia-se “é uafa” – estar morto); ou seja, os EUAf já eram! Assim, por certo, esperam os africanos. O que estes querem, primeiro é a afirmação dos seus Estados e, com eles, uma clara harmonização económica, social, política e, principalmente, sanitária e educacional. Será possível uma integração africana quando os seus povos ainda padecem de inúmeras doenças endémicas e os seus povos carecem de uma plena e eficaz educação/formação? Senhores Chefes de Estado e de Governo, se quiseram imitar, façam-no pela positiva. A Europa precisou de várias dezenas de anos para chegar ao ponto em que chegou. E o que se vê. Ainda não só não conseguem falar a uma voz como as suas diferenças ainda subsistem. E África só há 50 anos começou, realmente, a ter Estados e, estes, ainda nem Estados o são, realmente! Publicado no jornal moçambicano O Observador, edição nº 008, de 04 de Julho de 2007 (edição em PDF por assinatura)